



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Virginia Leone Bicudo e Guerreiros Ramos ? para uma antropologia decolonial da perspectiva negro-brasileira nas Américas

Autoria: Nádia Maria Cardoso da Silva (Secretaria de Educação do Município de Salvador)

Buscando contribuir para a consolidação de uma antropologia decolonial na perspectiva negro-brasileira na América Latina, apresentamos dois intelectuais negros invisíveis nas ciências sociais no Brasil ? Virgínia Leone Bicudo e Guerreiro Ramos - que viveram o mundo sócio-antropológico no Brasil, a partir dos anos 40 do século XX. A intenção é colocar em visibilidade seus pensamentos, pois, ambos apresentaram argumentos decoloniais que podem ser configurados como inaugurais de uma epistemologia decolonial nas Américas, interpelando o racismo/sexismo epistêmico das universidades brasileiras e perseguindo uma segunda descolonização do Brasil, apesar desses subalternos negra e negro pouco terem podido falar. Virgínia e Guerreiro fazem parte da geração dos primeiros cientistas sociais no Brasil, e foram alvos de uma poderosa operação de silenciamento. Virgínia Leone Bicudo se destacou já nos anos 1940 com uma inusitada tese em



que negras e negros surgem não como objeto, mas como sujeitos falantes, narrando suas experiências sociais, econômicas, amorosas, educacionais em um contexto social paulista marcado por profundas hierarquias raciais e forte herança colonial. Guerreiro Ramos se destacou no mesmo período, ao apontar a colonialidade epistemológica das ciências sociais no Brasil quando objetifica o negro brasileiro, o constrói e o apresenta como um humano estático, exótico, mumificado, problemático. Ao mesmo tempo, defende que a descolonização/decolonialidade dos estudos sobre o negro no Brasil já estava em curso não na vida acadêmico-intelectual brasileira, mas no ativismo negro. Ambos silenciados, migram para a Psicanálise e para a Administração se tornando referências fundadoras nessas áreas no Brasil, evidenciando, com suas trajetórias intelectuais, como a violência epistêmica vem nos atingindo há muito tempo, produzindo invisibilização e silenciamento nas ciências sociais. Em plena década de 40, Virgínia e Guerreiro adotaram perspectivas críticas decolônias para pensar as permanências das estruturas coloniais na sociedade brasileira em que viviam. Apesar desse campo ainda não ter se constituído nesse momento, tomamos Virgínia Leone Bicudo e Guerreiro Ramos como nossos ancestrais que inauguraram o campo decolonial das ciências sociais na perspectiva negra no Brasil. Portanto seus pensamentos foram considerados aqui estruturantes de uma perspectiva negra de descolonização/decolonialidade que seguem presentes nas comunidades negras contemporâneas - nos quilombos, nos ativismos anti-racistas, nos terreiros de candomblé e nas rodas de capoeira ? pois, anda que afetadas pela colonialidade dos poderes, tais comunidades vêm produzindo epistemologias de existências e resistências no Brasil.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: